



Sociedade das Ciências Antigas

O CAMINHO PARA DEUS

E O

ESTADO DE UNIÃO

POR

MADAME GUYON

PARTE I

O CAMINHO PARA DEUS

CAPÍTULO I

O PRIMEIRO GRAU: CONVERSÃO.

1. O primeiro grau é o retorno da alma a Deus, quando, estando verdadeiramente convertidos, passa a subsistir através da graça.

CAPÍTULO II

O SEGUNDO GRAU: O TOQUE EFETIVO NA VONTADE.

2. A alma recebe um toque efetivo na vontade, que a atrai ao recolhimento, instruindo-a de que Deus está no interior e ali deve ser buscado; Ele está presente no coração, onde deve ser desfrutado.

3. No princípio, esta descoberta, é fonte de grande alegria para a alma, como se fosse um anúncio ou uma garantia da felicidade que está por vir; neste exato princípio, o caminho que ela procura é aberto e mostrado como sendo aquele da vida interior. Este conhecimento é o mais admirável, a fonte de toda felicidade da alma e o sólido fundamento do progresso interior; aquelas almas que buscam a Deus apenas pelo intelecto, muito embora possam desfrutar de uma espécie de contemplação espiritual, nunca poderão penetrar uma união íntima, se não deixarem este caminho e entrarem naquele do toque interior, onde todo trabalho concentra-se na vontade.

4. Aquelas levadas a este caminho, ainda que conduzidas por um cego abandono, experimentam um saboroso conhecimento. Nunca caminham pela luz do intelecto, como as primeiras, que recebem distintas luzes para conduzi-las, e que tendo uma visão clara do caminho, nunca adentram aquelas passagens impenetráveis da vontade oculta; passagens estas reservadas para este segundo tipo de alma.

5. As primeiras atuam de acordo com as evidências fornecidas pelas luzes intelectuais, assistidas pela razão e atuam bem; mas as segundas estão destinadas a buscar cegamente um caminho

desconhecido; esta condição lhes parece perfeitamente natural, embora se sintam obrigadas a *sentir* o caminho. Caminham com maior convicção do que as outras, sujeitas a se iludirem com seus esplendores intelectuais; mas as segundas são guiadas por uma Vontade suprema que as conduzem como convém. Além disso, todas as operações mais imediatas são realizadas no centro da alma, ou seja, nos três poderes reduzidos à unidade da vontade, onde são todos absorvidos; seguem insensivelmente o caminho a elas prescrito através daquele toque, ao qual nos referimos anteriormente.

As segundas buscam o caminho da Fé e do abandono absoluto. Elas não possuem satisfações, nem liberdade em outro caminho; todo o resto lhes causa constrangimento e embaraço. Habitam em maior aridez do que as outras, pois suas mentes não se apegam a nada que seja distinto, seus pensamentos freqüentemente se dispersam, nada os fixam. As almas são diferentes; umas são mais sensíveis, outras mais secas; o mesmo ocorre com aqueles que são levados pela vontade; as almas do primeiro tipo, possuem satisfações e aquisições menos sólidas e devem retrair sua disposição bastante ávida, deixando que as emoções passem, mesmo quando parecem queimar de amor; as almas do segundo tipo, parecem ter um estado natural mais difícil e insensível; contudo, há algo delicado na profundidade da vontade, que lhes serve como nutriente; é a essência condensada daquilo que as outras experimentam no intelecto e no ardor dos propósitos.

6. Sendo o apoio que a alma recebe bastante delicado, freqüentemente torna-se imperceptível e oculto pelas menores coisas. Isso faz surgir um enorme sofrimento, especialmente nos momentos de tribulação e tentação; pois, como a satisfação e o apoio são frágeis e ocultos, a vontade toma parte do mesmo estado em alto grau, de forma que estas almas não possuem nenhuma daquelas vontades fortes. O estado em que se encontram é mais indiferente e insensível e o caminho mais uniforme; mas, isso não as livra de possuírem problemas graves e até mais sérios do que as outras; pois nada nelas se faz pelo impulso, tudo ocorre naturalmente e sua vontade oculta, insensível e frágil não pode ser encontrada para enfrentar seus inimigos. A fidelidade que possuem, contudo, freqüentemente excede a das demais. Observem a notável diferença entre Pedro e João; um parece se exceder com um zelo extraordinário e se deixa abater diante da simples voz de um servo; o outro não faz manifestações externas e permanece fiel até o fim.

7. Vocês poderão questionar: se estas almas não são impulsionadas por nenhuma influência violenta, mas caminham cegamente, cumprem a vontade de Deus? Sim, e da forma mais verdadeira, embora não estejam convencidas disso; Sua vontade está gravada com caracteres indeléveis em seus recônditos mais íntimos e é cumprida com frieza e languidez, mas de forma firme, inviolável e abandono, o que as outras alcançam através das atrações de um intenso deleite.

8. Assim caminham sob a influência deste toque divino, de grau em grau, por uma fé mais ou menos sensível, experimentando constantes alterações de aridez e satisfação da presença de Deus, mas sempre percebendo que a satisfação torna-se cada vez mais profunda e menos perceptível, mais delicada e interior. Descubrem também que em meio à aridez e sem luz distinta, não são as menos iluminadas; pois este estado é luminoso por si só, ainda que obscuro para a alma que nele habita. Isso é tão certo, que se encontram mais inteiradas com a verdade; Falo daquela verdade implantada em seu interior, que faz com que todas as coisas se curvem à vontade de Deus.

Esta vontade divina torna-se mais familiar a elas, que são capazes, em seus caminhos insíptos, de penetrar milhares de mistérios que nunca teriam sido descobertos pela luz da razão e do conhecimento. São insensíveis e gradualmente preparadas para os estados que se seguem, sem se darem conta disto.

9. As trilhas deste estado são alternações de aridez e facilidade.

A aridez purificou a tendência e a satisfação natural pelo desfrutar de Deus. Todo este grau passa por alternâncias de prazer, aridez e facilidade, sem qualquer mistura de tentações, a não ser aquelas transitórias ou certas faltas; pois em todo estado, do começo em diante, as faltas da natureza são mais prováveis de nos ocorrer em tempo de aridez do que em épocas de satisfação interior, quando a unção da graça nos protege de inúmeros males. Em todos os estados precedentes, a alma esteve comprometida em combater seus maus hábitos e em conseguir superá-los através de todo tipo de dolorosa autonegação.

10. No princípio, quando Deus voltou seu olhar para dentro, ele influenciou tanto a alma contra si mesma, que ela foi obrigada a cortar todas as suas satisfações, até mesmo as mais inocentes, sobrecarregando-se com todo tipo de aflição. Deus não dá descanso, até que a vida da Natureza, ou seja, dos sentidos exteriores, manifestada em apetites, gostos e desgostos, esteja totalmente destruída.

11. Esta destruição dos apetites e a repugnância dos sentidos externos, pertencem ao segundo grau, que tenho chamado de toque efetivo na vontade; grande e elevada virtude é aqui praticada, especialmente quando a atração interior é vigorosa e a unção bastante saborosa. Pois não há artificios da alma que Deus não descubra, a fim de permitir que ela conquiste e supere o EU em todas as coisas; através desta prática constante, acompanhada pela graciosa unção a qual nos referimos anteriormente, o espírito é auxiliado pela natureza; a parte interior se sujeita sem resistência. Não ocorre então, mais problemas desta fonte, como que se todos os sentimentos exteriores fossem afastados. Este estado é mal compreendido e considerado como um estado de morte, por aqueles poucos esclarecidos; trata-se, de fato, da morte dos sentidos, mas está muito longe de ser a morte do espírito.

CAPÍTULO III **O TERCEIRO GRAU: PASSIVIDADE E SACRIFÍCIO INTERIOR**

12. Quando descansamos por algum tempo após uma vitória difícil e trabalhosa e nos julgamos livres para sempre de um inimigo, cujo poder total fora destruído, entramos no terceiro grau; este grau segue àquele do caminho da fé mais ou menos saborosa, de acordo com o estado. Penetramos uma condição de alternância entre aridez e facilidade, como já foi dito; nesta aridez, a alma percebe certa fraqueza exterior, defeitos naturais, que embora leves, a surpreendem; ela sente também que a força recebida através da luta, vai se perdendo. Isso é causado pela perda de nossa atividade ou força interior; pois, embora a alma, no segundo grau, imagina estar em silêncio diante de Deus, isso não ocorre completamente. Ela não fala, de fato, nem no coração, nem pela boca, mas se encontra em uma luta ativa por Deus e num constante suspirar de amor, de modo que, sendo o sujeito da mais poderosa atividade de amor, exercida pelo Amor Divino para Consigo mesmo, a alma avança continuamente em direção ao seu objetivo; esta atividade é acompanhada de uma deleitosa e quase constante paz. Como através da atividade de amor adquirimos a força para superar a natureza, começamos então a praticar as grandes virtudes e as mais severas mortificações.

13. Mas, na proporção em que esta atividade decai e fica perdida numa passividade amorosa, fazendo com que a nossa força de resistência enfraqueça e diminua, enquanto o estado avança, e a alma se torna cada vez mais passiva, ocorre que a alma perde seu poder de combate. Na medida em que Deus se fortalece no interior, nos tornamos fracos. Alguns se referem a esta impossibilidade de resistência como uma grande tentação, mas não percebem que todo nosso trabalho, assistido e auxiliado pela graça, só alcança a conquista dos sentidos, depois que Deus toma posse gradual do

nosso interior, e torna-se nosso purificador. Assim como Ele requer toda a nossa atenção enquanto continuamos com nossa amorosa atividade, agora Ele requer toda nossa fidelidade para deixá-lo operar, enquanto começa a se render Senhor através da sujeição da carne ao Espírito.

14. É preciso observar que toda nossa perfeição exterior depende e deve ser uma consequência da perfeição interior, isso é feito através desta saborosa passividade. Mas enquanto Deus opera no interior, parece negligenciar o exterior, daí o ressurgimento dos defeitos, embora tênues e em tempos de aridez, defeitos que julgávamos extintos.

15. O segundo grau consiste na destruição dos sentidos externos.

O terceiro grau consiste na destruição dos sentidos internos por meio de uma doce passividade. Mas como Deus está então trabalhando intensamente, parece negligenciar o exterior; os defeitos reaparecem, ainda que enfraquecidos e somente em tempos de aridez e que pensávamos estarem extintos.

16. Quanto mais nos aproximamos do término do terceiro grau, mais longa e mais freqüente é a nossa aridez, maior a nossa fraqueza.

Esta é uma purificação que serve para destruir nossos sentimentos interiores, na medida em que a atividade amorosa coloca um fim nos sentimentos exteriores; há, em cada grau, alterações de aridez e satisfação. A aridez serve como purificador das fraquezas e da esterilidade. Tão logo paramos, por incapacidade de praticar as mortificações à nossa maneira, aquelas da Providência tomam seu lugar: as cruzes que Deus dispensa segundo o nosso grau. Estas não são escolhidas pela alma; mas a alma, sob a orientação interior de Deus, recebe tantas quanto Ele indica.

CAPÍTULO IV O QUARTO GRAU: A FÉ NUA

17. O quarto grau é o da fé nua; aqui não se encontra nada além da desolação exterior e interior; pois uma sempre segue a outra.

18. Todo grau tem seu começo, seu progresso e sua consumação.

19. Tudo o que foi até aqui conquistado e garantido com tanto trabalho, é agora gradualmente retirado.

20. Este grau é o mais longo e só termina com a morte total, caso a alma esteja disposta a ficar tão desolada a ponto de morrer totalmente para o EU. Pois, há um número infinito de almas que nunca passam dos primeiros graus; dentre aquelas que atingem o presente grau, poucas alcançam a obra perfeita.

21. Esta desolação ocorre em algumas almas com violência; embora sofram um maior desgaste que as outras, não tem motivos para reclamar, pois a própria severidade de sua aflição é uma espécie de consolo. Outras experimentam um leve e tênue desgosto por todas as coisas, que mais parece um descumprimento do dever ou uma dificuldade em obedecer.

22. Primeiro somos privados de nossas obras voluntárias, e nos tornamos incapazes de fazer o que fazíamos nos primeiros graus; enquanto isso cresce, começamos a sentir uma inabilidade geral com relação a todas as coisas, que cresce dia após dia. Esta fraqueza e inabilidade gradualmente tomam

posse de nós e adentramos a uma condição em que poderíamos dizer: “*Realmente não consigo entender o que faço; pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto*” (Rm 7,15).

23. Privados de todas as coisas, interiores e exteriores, que não são essenciais, o trabalho começa sobretudo no que é essencial; na proporção em que a vida virtuosa de se tornar um Cristão, à qual nos referimos com tanta complacência, desaparece, ficamos, de certa forma, destituídos de uma certa satisfação interior e de um apoio substancial. Como este suporte se torna mais fraco e sutil, mais perceptível se torna sua perda. Notem, porém, que não há perdas senão para nossa própria consciência, já que ela ainda existe na alma, mas de forma imperceptível e sem ação aparente. Se ela não estivesse oculta, a morte e a perda do EU não poderia ser alcançada. Mas ela se recolhe ali e se fecha de tal forma que a alma não percebe a sua presença.

24. Você se pergunta por que este caminho é perseguido? O único objetivo do caminho é fazer com que a alma passe da multiplicidade para a percepção do distinto, sem multiplicidade; da percepção do distinto ao distinto imperceptível, que é uma satisfação geral, menos atrativa que a outra. É vigorosa no princípio e introduz a alma ao perceptível, que é um prazer mais puro e menos especial do que o primeiro; do perceptível a alma é levada à fé sustentada e ao trabalho por amor; passando neste caminho do perceptível para o espiritual e do espiritual para a fé nua, que nos faz morrer para toda experiência espiritual, nos faz morrer para nós mesmos e passar para Deus; passamos então, daqui para diante, a viver unicamente para a vida de Deus.

25. Na economia da graça, portanto, começamos com coisas perceptíveis, continuamos com as espirituais, e terminamos conduzindo a alma gradualmente ao seu centro, unindo-a com Deus.

26. Quanto mais profundo este suporte imperceptível se recolhe, mais infunde a ele a alma, que não pode mais continuar a se multiplicar entre milhares de coisas que já não pode almejar e nem mesmo perceber; estando a alma cada vez mais despida, ela é gradualmente obrigada a abandonar a si mesma.

27. Ela é despida, sem misericórdia, igualmente e ao mesmo tempo, de todas as coisas de dentro e de fora; o pior de tudo: é exposta às tentações; quanto mais é entregue as tentações, mais fica desprovida de forças para resistir, pelo exterior; fica enfraquecida ainda mais no momento em que é submetida aos mais violentos ataques; por fim, o suporte interior é retirado, este que enquanto servia de refúgio e abrigo, era uma evidência da bondade de Deus, e de sua fidelidade a si mesma.

28. Vemos então um homem perseguido por um poderoso adversário; ele luta e se defende o quanto pode, sempre tentando aproximar-se cada vez mais de um porto seguro; quanto mais ele luta, mais fraco fica, enquanto que a força de seu oponente continua crescendo. O que deve fazer? Ele utilizará todas as artimanhas para alcançar o portal da segurança, pois lá encontrará auxílio abundante. Mas, ao se aproximar, descobre que longe de prestar-lhe qualquer auxílio, os cárceres obstruem cada fenda de refúgio; o homem se vê obrigado a cair nas mãos do inimigo poderoso, a quem reconhece como seu melhor e mais confiável amigo, quando, desesperado e sem ter como se defender, se entrega.

29. Tenha a certeza, que este grau compreende todas estas coisas; a privação de todo bem, o acúmulo de todo o tipo de fraqueza, incapacidade de defesa, nenhum abrigo interior; Deus freqüentemente aparece colérico e para coroar tudo, numerosas tentações.

30. Espero, que tenha te ouvido dizer: “tenho a certeza de que minha vontade não está em harmonia com a malignidade da natureza e nem com as fraquezas do sentido”. Ah! Você seria tão feliz! Mas,

isso não pode ser. Na proporção em que o homem se torna frágil e destituído de toda operação e atividade de amor, por mais insignificante que seja, a vontade, fundada naquele vigor do amor, torna-se fraca dia a dia e gradualmente desaparece; sumindo, fica certa de que não pertence a nada do que se passa ao homem, mas que está separada. Mas como não se manifesta em nada, por nenhum sinal, não fornece nenhum suporte seguro à alma; esta, não mais encontra a vontade numa atitude de resistência e acredita que esteja consentindo todas as coisas, e que tenha se unido à vontade animal, que é a única perceptível.

31. Eu já havia afirmado que na primeira luta da atividade amorosa, a natureza e os sentidos são extintos e subjugados. É verdade; mas o espírito do EU, pelas próprias vitórias que a graça lhe alcançou, tornou-se altamente disposto, mais tenaz ao que julga ser bom e ainda mais indomável. Deus, determinado a subjugar-lo, utiliza-se de uma aparente ressurreição desta natureza, que a alma pensa estar morta. Mas, observem que Ele não usa a natureza até que tenha extraído sua malignidade, destruindo-a e separando a vontade superior daquela violenta e criminoso. Ele extrai o veneno da víbora e o usa como antídoto para o espírito. Quem quer que se torne agraciado pela admirável economia da graça e pela sabedoria de Deus, trazendo o homem a um total sacrifício do EU, será preenchido pelo deleite, e por mais insensível que seja, irá exalar de amor. Os pequenos traços deste amor revelados ao meu coração, freqüentemente me levam ao êxtase e ao arrebatamento.

32. A fidelidade deste grau requer que soframos espoliações por todos os desígnios de Deus, sem ansiedade, sacrificando à Ele todos os nossos interesses temporais e eternos. Nada deve ser um pretexto para o recolhimento ou retenção do mínimo átomo, pois a mínima reserva é a causa de perda irreparável, já que impede a nossa morte de ser completa. Devemos permitir que Deus trabalhe como desejar, e agüentar os ventos e tempestades que se abatem sobre nós a cada instante, submergindo sob as ondas tumultuosas.

33. Percebe-se aqui algo maravilhoso; longe de estarmos alienados por conta do sofrimento e do estado de naufrago, é justamente aqui que Deus aparece; se qualquer fraqueza se faz aparente, Ele nos dá um toque de sua imediata presença, como que para dar segurança à alma, por um momento, de que Ele esteve com ela nos momentos de tribulação. Digo, por um instante, pois Sua presença não tem mais utilidade subsequente, como um suporte, mas como um sinal que aponta e convida a alma a afastar-se ainda mais do EU.

34. Estes estados não são contínuos em sua violência; há remissões, onde se criam espaços para respirar e para tornar a trilha subsequente mais dolorosa. Pois, a natureza fará uso de qualquer coisa para sustentar sua vida, como um homem que se afoga se sustentaria na água segurando a lâmina de uma navalha, sem se importar com a dor que isso lhe causaria, se nada mais tivesse a que se agarrar.

CAPÍTULO V

O QUINTO GRAU: A MORTE MÍSTICA

35. Atacados de todos os lados, por tantos inimigos, sem vida e sem apoio, não temos nenhum recurso senão expirar nos braços do Amor. Quando a morte é completa, o pior dos estados não causa maiores problemas. Não reconhecemos a morte pelo fato de ter passado por todos estes estados, mas por uma absoluta necessidade do poder de sentir a dor, de pensar sobre os nossos cuidados para com o EU e pela nossa indiferença de permanecer ali para sempre, sem manifestar o menor sinal de vitalidade. A vida é evidenciada por uma vontade de nossa repugnância por alguma coisa; mas aqui, nesta morte da alma, todas as coisas se assemelham. Ela permanece morta e insensível para tudo o que se refere à ela, e, se Deus reduzi-la à extremidade que deseja, não há

mais repugnância. Ela não tem escolha em ser anjo ou demônio, pois não tem mais olhos para o EU. É neste momento que Deus coloca todos os seus inimigos sob seus pés e reina supremo, toma e possui a alma da forma mais completa, como se ela tivesse se abandonado da forma mais completa. Mas isso ocorre gradualmente.

36. Um traço de calor vivo ali permanece por um longo tempo, mesmo depois da morte, que só é dissipado gradualmente. Todos os estados atuam, de alguma forma, sobre a purificação da alma, mas aqui o processo é completo.

37. Não morremos espiritualmente, de uma vez por todas, como da forma natural; a morte espiritual é alcançada gradualmente; vibramos entre a vida e a morte; uma hora estamos na vida, outra na morte, até que a morte tenha conquistado a vida. O mesmo ocorre na ressurreição; um estado alternado de vida e morte, até que a vida supere a morte.

38. Não que a vida nova não venha de repente. Aquele que estava morto, se vê vivo, e nunca mais duvida de que estava morto e que vive novamente; mas isso não está estabelecido; trata-se mais de uma disposição para a vida, do que um estado de vida estabelecido.

39. A primeira vida da graça começou no sensível e mergulhou continuamente no interior, em direção ao centro, até ter reduzido a alma à unidade, fazendo com que expirasse nos braços do amor; pois todos experimentam esta morte, mas cada um à sua maneira. Mas a vida que é agora comunicada surge de dentro; trata-se de um germe vivo que sempre existiu ali, embora ignorado; ele é a prova de que a vida da graça nunca esteve totalmente ausente, embora tenha sido forçada a permanecer oculta.

Ela esteve ali, mesmo que no meio da morte; nem a morte deixou de ser menor por ter a vida oculta em si; assim como a lesma permanece morta no crisálido, mas contém um germe de vida que a desperta para a ressurreição. Esta vida nova brota no centro e dali cresce; ela se estende gradualmente sobre todas as faculdades e sentidos, impregnando-as com sua própria vida e fecundidade.

40. A alma, investida desta vitalidade, experimenta um infinito contentamento; não em si mesma, mas em Deus; o que ocorre especialmente quando a vida está bem avançada.

41. Mas, antes de penetrar os efeitos desta vida admirável, deixe-me dizer, que nem todos passam por esta morte dolorosa; experimentam apenas um desfalecimento e uma languidez mortal que os aniquila, fazendo com que morram para tudo.

42. Muitas pessoas espiritualizadas dão o nome de morte às purificações preliminares, que são, de fato, uma morte em relação à vida comunicada, mas não uma morte total. As purificações preliminares resultam na extinção de alguma vida da natureza ou da graça, mas é bem diferente de uma extinção geral de toda a vida.

43. A morte tem vários nomes, segundo nossas diferentes maneiras de expressão ou concepção. É chamada de partida, ou seja, a separação do EU a fim de que possamos nos unir à Deus; perda, total e completa da vontade da criatura, o que faz com que a alma se esvazie de si mesma para existir unicamente em Deus. Ora, como essa vontade está em tudo o que existe na criatura, por melhor e mais santo que seja, tudo deve ser necessariamente destruído, a fim de que unicamente a vontade de Deus permaneça.

Tudo o que nasce da vontade da carne e da vontade do homem, deve ser destruído. Somente a vontade de Deus deve permanecer, ela que se torna o princípio da nova vida e gradualmente vai animando a velha vontade extinta, torna-se o lugar do que foi destruído e transforma-o em fé.

44. Depois que a alma expira misticamente, geralmente ela é separada de tudo o que pode se tornar um obstáculo à sua perfeita união com Deus; mas ela não é, por isso, recebida em Deus. Isto lhe causa sofrimentos extremos. Você poderá argumentar aqui que, se está completamente morta, não sofre. Deixe-me explicar.

45. A alma morre assim que se separa do EU; mas esta morte mística não é completa, até que a alma passe por Deus. Até lá, ela sofre enormemente, mas seu sofrimento é geral e indistinto e ocorre unicamente porque ela ainda não está estabelecida em seu lugar próprio.

46. O sofrimento que precede a morte é causado pela nossa repugnância pelos meios que a produzem; esta repugnância sempre ocorre ou aumenta; mas na proporção em que morremos, nos tornamos mais e mais insensíveis e até mesmo calejados, até que finalmente a morte se realiza através de uma completa sensação de vida plena. Deus tem buscado nossa vida inexoravelmente em todas as lugares ocultos e secretos; pois ela é tão maliciosa que quando é duramente pressionada se fortifica em seu refúgio, e faz uso dos pretextos mais santos e razoáveis para existir; mas, sendo perseguida em seu último retiro, em poucas almas (Deus, quão poucas!) ela é obrigada a abandoná-los todos.

47. Nenhuma dor surge mais dos meios que causaram a nossa morte, que são exatamente o oposto daqueles que usamos para manter a nossa vida; quanto mais santos e razoáveis os meios que usamos para manter a nossa vida, em aparência, mais irracionais e violentos parecem ser os outros, que causam a morte.

48. A morte é a causa da separação da alma do EU, ou seja, da perda de toda e qualquer posse. Nós não sabemos o quão estamos fortemente ligados aos objetos até que são tirados de nós, e aquele que pensa não estar ligado a nada, freqüentemente está muito enganado, estando atado a milhares de coisas, desconhecidas de si mesmo. Após a morte, a alma está inteiramente livre do EU, mas não imediatamente recebida em Deus. Ainda existe algo, não sei bem o que, uma forma, um remanescente humano; mas isso também desaparece. Uma mancha destruída por um sofrimento geral e indistinto, que não tem relação com os meios da morte, já que eles estão passados e completos; trata-se de um desconforto que surge do fato de ser retirada do EU, sem ser recebida em sua grande Origem. A alma perde todas as posses do EU, sem esta perda nunca poderia se unir à Deus; mas é apenas gradualmente que se torna plenamente possuída Dele, por meio da nova vida, que é totalmente divina.

CAPÍTULO VI **UNIÃO COM DEUS, MAS AINDA NÃO RECONHECIDA**

49. Tão logo a alma tenha morrido no abraço do Senhor, a Ele se une em verdade e sem nenhum intermediário; pois ao perder tudo, até mesmo suas melhores posses, perde também os meios e seus intermediários; até mesmo estes grandes tesouros, não passam de intermediários. A partir deste momento, ela se une imediatamente à Deus, mas não percebe e nem desfruta desta união, até que Ele a anime e se torne seu princípio vivificante. Uma noiva que desfalece nos braços de seu marido, está intimamente ligada a ele, mas não desfruta das bênçãos desta união, e pode nem mesmo ter consciência dela; mas após tê-la contemplado por uns instantes, desfalecida pelo excesso de amor,

chamando-a de volta à vida com suaves carícias, ela percebe que se encontra sob posse daquele a quem sua alma ama, e que é por ele possuída.

PARTE II

SOBRE A UNIÃO COM DEUS

CAPÍTULO I A RESSURREIÇÃO

50. A alma assim, possuída de Deus, descobre ser Ele um Senhor tão perfeito, que já não é capaz de fazer nada além do que Lhe agrada e como Lhe aprouver; este estado vai num crescente. Sua falta de poder não é dolorosa, mas prazerosa, porque está plena da Vontade Divina.

51. A alma morta está em união, mas não se beneficia de seus frutos até o momento de sua ressurreição, quando Deus, fazendo com que ela passe por Ele, lhe concede tamanho penhor e segurança sobre a consumação de seu casamento divino, que a alma não mais duvida: pois esta união imediata é tão espiritual, tão refinada, tão divina, tão íntima, que se torna impossível para a alma exprimi-la ou duvidá-la. Este caminho não tem nada haver com a imaginação; estas almas não são imaginativas, não possuem nada no intelecto e estão perfeitamente protegidas de decepções e ilusões; tudo ocorre internamente.

52. Durante a passagem pelo caminho da fé não há nada distinto para a alma; a distinção se opõe à fé, e ela não poderiam desfrutar nada deste tipo, possuindo apenas uma certa generalidade como fundação sobre a qual todas as coisas lhe foram comunicadas. Ela se encontra no extremo oposto quando a vida começa a avançar em Deus; pois, embora não tenha nada distinto para si mesma, possui uma distinção para os outros; sua iluminação é para o uso de outros, ainda que nem sempre esta iluminação seja recebida por aqueles a quem se tem intenção, ela é mais certa quanto mais imediata, como se fosse natural.

53. Quando Deus levanta uma alma, por assim dizer, Ele a recebe em Si mesmo e o germe vivo, que é a própria Vida e Espírito do Verbo, começa a aparecer; este ato se constitui na revelação de Jesus Cristo na alma, (Gl. I,16), Ele que vive em nós pela perda da vida de Adão que resiste no EU.

54. A alma é, desta forma, recebida em Deus; ali é gradualmente transformada Nele, como o alimento é transformado naquele que o consumiu. Tudo isso ocorre sem qualquer perda da existência individual, como já foi explicado.

55. Quando a transformação tem início é chamada de aniquilação, já que modificando nossa forma, nos aniquilamos com relação a nós mesmos, a fim de tomar a forma Dele. Esta operação vai num constante durante a vida, transformando a alma cada vez mais em Deus, e conferindo sobre ela uma participação contínua e crescente nas qualidades divinas, tornando-as imutáveis, imóveis, etc. Ele a torna fecunda, mas nunca fora de Si mesmo.

56. Esta fecundidade se estende a certas pessoas a quem Deus se concede e se funde à alma, comunicando-lhe Seu Amor, pleno de Caridade. Pois o amor nas almas divinas, daqueles que se submetem, torna-se infinitamente mais forte do que o amor dos pais por seus filhos, enquanto se distancia dos sentimentos naturais; este amor não é zeloso e precipitado como parece, pois aquele que o exhibe, segue apenas o movimento nele impresso.

57. Pra tornar isso inteligível, precisamos saber que Deus não priva os sentidos e as faculdades de vida, tornando-os como que mortos; pois, embora deva haver vida no centro da alma elas permaneceriam mortas se esta vida não lhes fosse comunicada. Ela aumenta por graus, anima todos os poderes e sentidos que, até então, encontravam-se estéreis e improdutivos, aumentando-os na proporção à sua comunicação, tornando-os ativos; esta atividade, porém, é derivada e regulada por Deus, segundo Seus propósitos. Pessoas moribundas ou mortas, não devem condenar a atividade destas almas, pois elas nunca seriam colocadas no movimento divino se não tivessem passado pela mais maravilhosa morte. Durante todo o período de fé, a alma permanece sem movimento; mas, depois que Deus infunde nela a atividade divina, sua esfera se estende vastamente; mas, por maior que seja, não pode executar qualquer movimento auto-organizado.

CAPÍTULO II **A VIDA EM DEUS**

58. Não há mais nada a ser dito aqui sobre graus; a glória é tudo o que resta; todos os meios foram deixados para trás e o futuro consiste no desfrutar de um infinito curso de vida, de forma cada vez mais abundante. (Jô 10,10). Na medida em que Deus transforma a alma em Si mesmo, Sua vida lhe é comunicada plenamente. O amor de Deus pelas criaturas é incompreensível; Sua assiduidade, inexplicável; Ele busca algumas almas sem interrupção, protegendo-as e sentando-Se à sua porta; Ele se deleita em estar com elas e de carregá-las com as marcas de seu amor. Ele imprime em seus corações o amor puro, casto e suave. São Paulo e São João o Evangelista sentiram enormemente este sentimento. Mas para ser como descrevi, tal sentimento deve ser concedido à alma no estado de graça, do qual já falei, caso contrário, não passa de emoções naturais.

59. A oração do estado de fé é um silêncio absoluto de todos os poderes da alma, e um cessar de todo trabalho, por mais delicado, especialmente quando se está atingindo o término deste estado. A alma, não percebendo mais nenhuma oração e não mais fixando certos períodos para isso, já que todo tipo de exercício foi eliminado, é conduzida a pensar que perdeu absolutamente todo tipo de devoção. Mas quando a vida retorna, traz consigo a oração acompanhada por uma facilidade maravilhosa; Enquanto Deus toma posse dos sentidos e das faculdades, a devoção da alma torna-se doce, gentil e unicamente espiritual, mas sempre voltada para Deus. A devoção anterior a fez mergulhar em si mesma, a fim de desfrutar de Deus, mas a devoção atual, a atrai para fora do EU, para que se perca mais e mais e se transforme em Deus.

60. Esta diferença é marcante e só pode ser alcançada pela experiência. A alma é silenciosa no estado de morte, mas sua quietude é estéril e alcançada através de uma divagação frenética, que não deixa nenhuma marca de silêncio a não ser a impossibilidade de se reportar à Deus, nem com os lábios, nem com o coração. Depois da ressurreição, no entanto, seu silêncio é fecundo e acompanhado por uma união extremamente pura e refinada, deliciosamente difundida sobre os sentidos, mas com tal pureza que não causa qualquer paralisação e nem contrai qualquer mácula.

61. Torna-se impossível para a alma agora, tomar aquilo que não tem ou se desfazer do que já tem. Ela recebe com um desejo passivo qualquer impressão que se faça sobre ela. Seu estado, embora opressivo, seria livre de sofrimento se Deus, que a movimento em direção á algumas coisas livres, desse à ela a correspondência necessária. Mas como seu estado não suportaria, se faz necessário que aquilo que Deus deseja que tenha, seja comunicado através do sofrimento da a alma.

62. Não aceitar estes meios e desejar unicamente à Deus seria errado. Ele está ansioso para que a alma morra para certos suportes interiores do EU, que fazem com que afirmemos “querer unicamente à Deus”; rejeitar estes meios é se retirar da ordem de Deus, paralisando o progresso.

Mas, sendo tomados apenas como meios, embora fecundos na graça e na virtude, ainda que secretos e ocultos, eles finalmente desaparecem quando a alma se encontra unida, com os meios, em Deus, e Ele se comunica diretamente com ela. Então, Deus retira os meios, não imprimindo mais qualquer movimento na direção da pessoa a quem estão ligados; porque eles podem então servir como uma parada, e sua utilidade, pelo menos, reconhecida. A alma não pode mais ter o que tinha, e permanece em sua primeira morte com relação à eles, embora ainda intimamente unidos.

63. Neste estado de ressurreição vem aquele silêncio inefável, através do qual não só subsistimos em Deus, mas comungamos com Ele, e o qual, na alma morta para seu próprio trabalho e auto-apropriação geral e fundamental, torna-se um fluxo e refluxo da comunhão divina; nada pode macular sua pureza pois, não há nada que a obstrua.

64. A alma torna-se então parte da inefável comunhão da trindade, onde o Pai dos espíritos semeia sua fecundidade espiritual, tornando-a um espírito com Ele mesmo. É aqui que ela comunga com outras almas, se elas forem suficientemente puras para receberem esta comunicação em silêncio, de acordo com seu estado e grau; aqui é que os segredos inefáveis são revelados, não por uma iluminação momentânea, mas no próprio Deus, onde estão todos ocultos; a alma não os possui para si mesma e nem os ignora.

65. Embora eu tenha afirmado que a alma não tenha então nada de distinto, nada é distinto em relação à ela, mas sim em relação aqueles com quem comunga; pois o que ela diz é dito naturalmente e sem atenção, mas soa extraordinário aos ouvintes, que não encontrando a coisa em si mesmos, muito embora possa estar ali, consideram como algo distinto e maravilhoso, ou talvez fanático. Almas que ainda habitam em meio aos dons, possuem iluminações distintas e momentâneas, mas estas da qual falamos, possuem uma iluminação geral, que é o próprio Deus, sem suportes definidos. Dali extraem o que necessitam e o que é distinto para aqueles com quem conversam; nada permanece com a alma depois.

CAPÍTULO III **A TRANSFORMAÇÃO**

66. Mil coisas podem ser ditas sobre a vida interior e celestial das almas, assim repletas de vida em Deus. Ele as nutre com muito carinho e as reveste externamente com o abatimento, porque Ele é um Deus ciumento. Mas seria necessário um volume inteiro, e eu preciso apenas responder a sua questão: Deus é a vida e a alma desta alma, que assim vive em Deus ininterruptamente, como um peixe no mar, numa felicidade inexplicável, embora carregada com os sofrimentos que Deus coloca sobre si para outros.

67. Tornou-se tão simples, especialmente quando a transformação é para o próprio avanço, que a alma caminhe desta maneira perpetuamente sem nenhum pensamento para si ou para outros. Ela só tem um objetivo: fazer a vontade de Deus. Mas como se relaciona com muitas criaturas que não conseguem se ater a este estado, muitas lhe causam sofrimento por tentar convencê-las a cuidar-se, ter precauções, e tudo mais, o que ela não pode fazer; e outros, pela falta de correspondência com a Vontade de Deus.

68. As cruces destas almas são as mais severas; Deus as mantém sob as mais odiosas humilhações e sob um exterior bastante comum e frágil, embora sejam elas o seu deleite. Então, o próprio Jesus Cristo se comunica em todos os seus estados; a alma é revestida tanto com suas inclinações como sofrimentos. Ela compreende o que o homem lhe custou, o que a sua falta de fé o fez sofrer, o que é a redenção de Jesus Cristo e como Ele nasceu na qualidade de seu filho.

69. A transformação é reconhecida pela falta de distinção entre Deus e a alma, não sendo mais possível separá-la de Deus; tudo é igual a Deus, pois a alma passou pela sua Fonte Original, está reunida com o seu TUDO e se transformou em Nele. Para mim basta escrever as linhas gerais sobre o que se deseja saber; a experiência te ensinará o resto; tendo lhe mostrado o que devo ser para ti, podes julgar o que sou em Nosso Senhor.

70. Na medida em que a transformação é perfeita, a alma encontra uma qualidade mais extensa em si. Todas as coisas são expandidas e dilatadas; Deus a torna parte de sua infinidade; deste modo, ela sempre se sente imensa e toda a terra não lhe parece mais do que um ponto em comparação com esta maravilhosa amplitude e extensão. Tudo o que esteja na ordem e na vontade de Deus, a expande; tudo o mais, a contrai; esta contração a impede de avançar. Como a vontade é o meio de efetivar a transformação, e o centro nada mais do que todas as faculdades unidas na vontade, quanto mais a alma se transforma, mais muda a sua vontade e passa para aquela de Deus e mais Ele deseja a alma. A alma age e opera em sua divina vontade, que é assim substituída pela sua própria, tão naturalmente que não se pode dizer quando a vontade da alma se torna a vontade de Deus e nem quando a vontade de Deus se torna a vontade da alma.

71. Deus freqüentemente exige estranhos sacrifícios de almas assim transformadas em Nele; mas isso não custa nada a elas, pois sacrificariam tudo por Ele, sem repugnância. Os menores sacrifícios custam mais e os maiores custam menos, pois não são pedidos até que a alma esteja num estado de concedê-los sem dificuldades, ao que ela tem uma tendência natural. Isto é o que é dito de Jesus Cristo quando veio ao mundo: “e então eu disse: Eis que eu venho. No rolo do livro foi-me prescrito realizar tua vontade; meu Deus, eu quero ter a tua lei dentro das minhas entranhas”: (Salmo 40 7,8). Tão logo o Cristo chegue em uma alma para se tornar seu princípio vivo, diz a mesma coisa dela; Ele torna-se o Sacerdote eterno que preenche incessantemente a alma de seu ofício sacerdotal. Isto é, de fato, sublime, e continua até que a vítima seja levada à glória.

72. Deus destina estas almas a assistência de outras nos caminhos mais complicados; pois, não tendo mais ansiedade com relação a si mesma, nem nada a perder, Deus pode usá-las para trazer outras para o caminho de sua vontade pura, nua e segura. Aquelas que ainda são auto-suficientes, não poderiam ser usadas para este fim; pois, ainda não penetraram um estado em que seguem a vontade de Deus; cegadas por si mesmas, confundem-se com o próprio raciocínio e falsa sabedoria; não tem a menor condição de se abster ou de não serem guiadas cegamente pelos outros. Quando falo de abstenção, me refiro àquela que Deus deseja no momento presente; pois, Ele não nos permite apontar para alguém tudo o que está oculto ou o que há de acontecer, exceto em termos gerais, pois não há como suportar. Embora muitas vezes dizemos coisas duras, como Jesus disse aos habitantes de Cafarnaum (antiga cidade da Palestina; por extensão aqueles que acreditam na transubstanciação, ver João (6,24)), Ele concede uma força secreta para que suportemos; ao menos, Ele assim procede com as almas escolhidas somente para Si, esta é a pedra de toque.

FIM